

Índios e manifestantes foram impedidos, com balas de borracha e gás lacrimogênio, de chegar a Porto Seguro, onde se comemorava oficialmente os 500 anos do descobrimento



Saldo da violência da PM baiana: 160 pessoas detidas e 30 feridas. Preocupação dos policiais era evitar que sem-terra se encontrassem com índios. Conseguiram.

BARRADOS

Cristina Ávila
 Enviada especial

Cabrália — A comemoração dos 500 anos começou cedo, e com tumulto. As 7h40, a Polícia Militar da Bahia lançou bombas de gás lacrimogênio em um grupo de cerca de 100 universitários e militantes de movimentos populares, na rodovia 367, a 16 km de Porto Seguro. Mais violência viria às 11h, quando 3.600 índios, acompanhados de mais de 2 mil pessoas em passeata, foram surpreendidos com novas bombas e balas de borracha.

Quando começou o confronto, os índios tinham caminhado pouco mais de 2 km pela rodovia. Saíram do local onde realizaram a Conferência Indígena, em Cabrália, e seguiam para Porto Seguro. Eles acabavam de passar pelos universitários e militantes, que estavam há duas horas detidos, cercados por aproximadamente 400 PMs na beira da pista.

A polícia usou cavalos e centenas de homens para dispersar a multidão. O Corpo de Bombeiros usou jatos de água, mas os manifestantes já estavam molhados por causa da chuva que caiu durante toda a manhã. Três helicópteros sobrevoaram o local até o início da tarde.

SURPRESA

O confronto foi uma surpresa. A marcha caminhava tranquila. Não havia gritos ou palavras de ordem. Os manifestantes não chegaram nem perto da barreira da tropa de choque na estrada. As bombas e balas de borracha começaram a ser disparadas quando ainda estavam um pouco mais de 100 metros distantes dos policiais.

Muitas pessoas foram feridas com estilhaços nas pernas e braços. O índio Gildo Terena, 18 anos, disse que foi atingido por uma bala de borracha e ficou com o rosto inchado. Itana Maria Sampaio Oliveira, 34, diretora da Federação Nacional dos Correios, de Salvador, teve cortes na coxa esquerda. Ela foi atingida nas primeiras horas da manhã.

A polícia fez centenas de detenções. Além dos quase 100 estudantes e militantes, mais de 60 pessoas ficaram detidas dentro do Hotel Ticino, na rodovia 367, que liga Porto Seguro a Eunápolis, no sul da Bahia. O presidente do Conselho Indigenista Missionários (Cimi), Dom Franco Masserdote, e cerca de 25 missionários também foram cercados por pelo menos duas horas na rodovia, pela polícia, que não permitia que saíssem do local.

"Eu me identifiquei. Tentei dialogar, mas não adiantou", disse Dom Franco. "Isso é um abuso muito grave. Isso descaracteriza qualquer sinal positivo dessa comemoração de 500 anos", disse.

Fotos: Wanderlei Pozzembom



CONFRONTO

Policiais militares se preparam para bloquear as vias de acesso a Porto Seguro, observados por índio: violência teve um saldo de 160 pessoas detidas e outras 30 feridas

Logo que as bombas foram jogadas, a multidão, que seguia um grupo de índios e parlamentares como a senadora Marina da Silva (PT-AC) e o deputado José Dirceu (PT-SP), correu. A dispersão dos manifestantes foi comemorada pelo comandante da tropa de choque. "A operação foi um sucesso", vibrou, com o punho cerrado, em sinal de vitória. Ele não quis explicar o motivo do confronto e também não quis se identificar.

SEM IDENTIFICAÇÃO

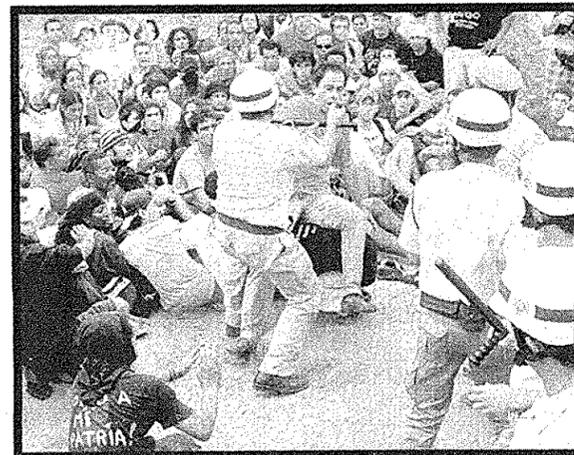
Os policiais foram para as ruas sem identificação. "Isso é uma flagrante ilegalidade. Não há um soldado com identificação", protestou o procurador da República na Bahia Robério Nunes. Ele também reclamou a invasão da área indígena Coroa Vermelha por cerca de 300 policiais, que correram cerca de 2 km atrás dos universitários e militantes, passando pela beira do mar, em território indígena. "É ilegal que a PM entre, sem, no mínimo, uma coordenação pela Polícia Federal", ressaltou.

Na opinião do deputado José Dirceu, a população viveu um estado de sítio não declarado. "Isso também rasga a fantasia de FHC. Mostra que é um governo repressor, autoritário, e que começa a reprimir manifestações populares", disse.

REVOLTA

Logo após o confronto, os kayapós do Xingu, Mato Grosso, voltaram para o local da conferência enfurecidos. Cerca de 20 homens, mulheres e crianças fizeram um ritual usando facões, cortaram as roupas, deixando-as no asfalto, e entraram nus. Os índios não permitiram que os jornalistas entrassem na área.

"Fiquei apavorado. É muito desrespeito. Vi a morte. Não sei nem onde foi o meu povo. Não esperava por isso", lamentou Maria de Lima Vasconcelos, 59



DETIDOS

Estudantes que se dirigiam ao local do encontro entre Fernando Henrique e o presidente português são detidos e apanham

anos, índia Piratapuia, do Alto Rio Negro (AM). Outros índios ficaram bravos. "Nossos avós foram tocados assim. Acho que a gente deveria seguir em frente para Porto Seguro", disse Ailton Xavante, de Campinópolis (MT).

Mas os Xavantes acabaram voltando para o local da conferência, acompanhados pelo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Marés. "Fiquei com muita vergonha. Essa não é nossa cultura. É cultura dos sem-terra. Vamos levar nosso documento ao presidente Fernando Henrique,

em nome de todos os índios do Brasil", disse o cacique Benjamin Wapara (MT), que voltou acompanhado por Marés.

O pensamento dele, porém, não era o pensamento da maioria dos índios. O presidente do Cimi disse que eles não aceitaram o convite do presidente da República, Fernando Henrique, que era de receber uma comissão de 20 índios como representantes da conferência.

Os sem-terra nem chegaram a encontrar-se com os índios. Desde a noite anterior, uma barreira de policiais não permitiu a passagem de automóveis e ônibus na estrada entre Eunápolis e Porto Seguro. "Minha equipe de produção está em Eunápolis desde ontem tentando chegar. A cidade está isolada. As duas balsas entre Porto Seguro, Trancoso e Belmonte também não funcionam desde ontem", disse o historiador Victor Leonardi, ex-professor da Universidade de Brasília, que estava no local fazendo imagens para um documentário.

Em Eunápolis, desde a noite anterior mais de 100 ônibus ficaram parados, com dificuldades para passar as barreiras policiais. Nem todos os que vinham para Porto Seguro eram manifestantes. Algumas excursões com alunos e professores de segundo grau pretendiam apenas assistir às comemorações.